

Oportunidade perdida

Paulo Cunha¹

Barros, Miguel de (coord. ed.). 2015. *Flora Gomes. O Cineasta Visionário*. Bissau: Movimento Ação Cidadã. 121pp.

Promovida pelo Movimento Ação Cidadã (MAC), a publicação do livro *Flora Gomes. O Cineasta Visionário* pretende “reunir contribuições, olhares e visões do campo académico, jornalístico e da crítica literária” provenientes de diferentes partes do mundo sobre uma das “referências positivas” (9) da cultura Bissau-guineense. Saúda-se a escolha do tema desta publicação, uma vez que Flora Gomes é, seguramente, a maior referência internacional da cultura da Guiné-Bissau. Lamentavelmente, se as intenções são as melhores, o resultado publicado não é assim tão elogiável, e compromete, inclusive, o reconhecimento da obra cinematográfica de Flora Gomes. Há várias fragilidades neste livro, desde aspectos mais graves, como a falta de uma coordenação mais estruturada, até outros que seriam de resolução simples, como uma desatenta revisão do texto ou uma paginação pobre.

Nos aspectos formais, ressaltam imensas gralhas (“Soko” em vez de “Sako,” 31; “despedirse,” 48), falhas na pontuação e na acentuação (“sequencia,” 29; “cerimonia,” 31) e, mais grave, diversos erros ortográficos e gramaticais (“traz” em vez de “trás,” 45), que perturbam repetidamente a leitura. Para além disso, há erros de revisão inconcebíveis para uma obra desta responsabilidade: faltam as notas de rodapé no texto assinado por Jusciele Oliveira; o texto de Fabiana Carelli começa com uma frase que não tem sujeito (55).

Em termos de estrutura, o destaque do livro parece direcionar-se para o segundo capítulo (“Cena II: Pensamento académico sobre a produção cinematográfica de Flora Gomes”), que reúne quatro textos de académicas brasileiras (Carolin Overhoff Ferreira está radicada no Brasil há quase uma década). Desconhecendo se foram contactados outros académicos, não posso deixar de estranhar esta limitação geográfica que induz à errada dedução de que só o Brasil parece interessar-se pelo estudo da obra de Flora Gomes. Nada mais enganador: a obra deste cineasta tem sido objeto de estudo para diversos académicos europeus (como a portuguesa Raquel Schefer, a luso-francesa Lea Carmona Townsend, a italiana Livia Apa ou a es-

¹ Universidade da Beira Interior, Faculdade de Artes e Letras, Departamento de Comunicação e Artes, 6201-001, Covilhã, Portugal.

panhola Veronica Quevedo Revenga), africanos (como o nigeriano Akin Adesokan) e norte-americanos (como se percebe pelo prefácio de Fernando Arenas e de Frieda Ekotto, ambos professores na Universidade do Michigan, nos Estados Unidos, mas também outros nomes, como Kayode Ogunfolabi). Uma escolha mais alargada e diversificada poderia trazer outros olhares sobre a obra de Flora Gomes e do próprio cinema guineense.

Mais incompreensível é que três dos quatro ensaios académicos incidam principalmente sobre o filme *Nha Fala* (2003). Excetuando o texto de Carolin Overhoff Ferreira, que faz uma breve panorâmica do percurso de Flora Gomes de obra em obra, os outros três ensaios centram as suas análises no musical rodado em Cabo Verde pelo cineasta Bissau-guineense. De fora de uma análise mais cuidada, e praticamente ignoradas, ficam obras fundamentais como *Mortu Nega* (1988), *Udju azul di Yonta* (1992) ou *Pó di Sangu* (1996), que abordam questões muito complexas, como a construção da identidade nacional da Guiné-Bissau.

De resto, outra falha grave da obra é uma excessiva individualização de Flora Gomes, que ignora ou desvaloriza a importância de figuras como os óbvios Sana Na N’Hada e Santiago Álvarez, ou colaboradores frequentes, como o argumentista Manuel Rambourt Barcelos ou a atriz Bia Gomes. Ainda a propósito das contribuições, mas no sentido oposto, ficou por fazer um balanço da influência de Flora Gomes e da sua obra nas gerações mais recentes de cineastas Bissau-guineenses, como Domingos Sanca, Rui Manuel Costa, Adulai Djamanca, Waldir Araújo, Geraldo Manuel de Pina ou Suleimane Biai.

O livro inclui ainda uma entrevista com Flora Gomes, bem conduzida por Fernando Jorge Pereira, e uma “biografia comentada” por Peter Karibe Mendy. Para além de fazerem mais sentido na abertura do livro, para melhor contextualizar e apoiar os artigos de cariz mais científico, estes dois segmentos justificariam e mereceriam um maior desenvolvimento (a entrevista ocupa apenas quatro das 121 páginas do livro). Como peças centrais numa obra que pretende destacar o percurso e a obra de Flora Gomes, estes dois textos poderiam e deveriam ter sido mais bem aproveitados.

A obra cinematográfica de Flora Gomes merecia mais do que esta homenagem. Merecia um trabalho mais crítico, que discutisse as diversas dimensões do autor e da sua obra, que expusesse questões que são centrais na obra de Gomes e transversais à cultura e à construção da identidade Bissau-guineense.